

Especial

Aos 93 anos, o senhor está fazendo seu primeiro monólogo. Como é essa experiência de se reinventar?

Eu fui ver um espetáculo do Flávio Marinho com a Luciana Braga (Julie) e fiquei encantado como ele entrelaçou a vida do personagem com a da atriz. Pensei 'vou falar com o Flávio para ver se ele não faz um espetáculo em que tenha alguma coisa que eu possa dizer que coincida com a vida'. Porque o importante é viver. Como diz Zeca Pagodinho: "Deixa a vida me levar".

O senhor fala muito do teatro e do cinema, mas deixou as novelas de fora da peça. Foi deliberado?

Não, é que senão daria quatro horas de espetáculo! Eu passo pela televisão. Para mim, a coisa mais importante é o teatro. Foi onde me formei e me encontrei. Cada vez que estou no palco trabalhando, é como diz Fernando Pessoa, trabalhar é "trabalhar-se". Até hoje o teatro continua me ajudando. São 80 filmes, não posso falar de 80 filmes, então falo por cima, dos mais importantes, o que marcou. Faço esse espetáculo como um agradecimento a tudo o que consegui.

O senhor fez a peça *O Rei da Vela* com o Zé Celso Martinez Corrêa. Qual foi o papel dele na sua formação?

O Zé Celso era o Glauber Rocha do teatro. O que o Glauber tinha de poderoso, de vulcão no cinema, o Zé Celso tinha no teatro. Aprendi muito com ele, foi um verdadeiro doutorado.

E a diferença entre trabalhar com o Glauber Rocha em *Deus e o Diabo* e com o Leon Hirszman em *São Bernardo*, dois diretores tão diferentes e tão icônicos do cinema brasileiro?

Foi um enriquecimento cultural enorme. Eram duas pessoas extraordinárias. O Glauber era um vulcão. O Leon era um pensador, um homem político e socialmente extraordinário. Quando li *São Bernardo*, disse ao Leon: 'não posso fazer'. Quando você abre o livro diz lá: 'sou ruivo, tenho lábios grandes, cabelos grandes'. Não sou eu. Porque uma coisa é você fazer um filme que só você conhece o roteiro. O público não conhece. Mas o livro *São Bernardo* é conhecidíssimo. Então, eu disse: 'não sou eu, você vai estragar o seu filme'. E ele disse: 'eu não quero o que está escrito, quero o que está dentro de você'.

Isso se repetiu quando o senhor interpretou Tancredo Neves no cinema, em *O paciente* (2018), de Sérgio Rezende?

Quando o Sérgio Rezende me ligou, eu li o roteiro e disse: 'nossa, que lindo, que maravilha, qual o dou-



Assista à entrevista com Othon Bastos e Marta Peret

tor que vou fazer no filme?'. Não pensei que ia fazer o Tancredo. Ele disse: 'você vai fazer o Tancredo'. Eu disse: 'nunca! Como vou fazer o Tancredo?'. E aí comecei a estudar com o Sérgio. E ele mandou: 'raspa a cabeça, coloca a mão no bolso'. Esse filme é importantíssimo para a própria história do Brasil, a importância do Tancredo na história do Brasil devia passar a todo instante em aula, com discussão. Esse filme é fundamental para a memória e a história do Brasil.

Como foi o processo de construção do personagem Tancredo Neves?

Foi um prazer imenso ter feito o Tancredo, sentir que estava com um pé na história. Ele era um homem político, soube aproveitar a política com extraordinária eficiência. Tem um ator inglês que diz 'eu vejo o mundo através dos meus personagens'.

O que é mais fácil: interpretar outras pessoas ou ser você mesmo no palco?

Você não pode ser você mesmo eternamente, falar de você eternamente. Você ser aquela pessoa é muito importante. Tem que ter o cuidado de ser como ela é. Você tem que saber, conhecer a pessoa. Não fui íntimo de Tancredo, mas fui íntimo da situação de Tancredo. A importância dele é que foi importante pra mim.

"Para mim, a coisa mais importante é o teatro. Foi onde me formei e me encontrei"

E agora, com *Não me rendo, não!*, o senhor é o senhor mesmo.....

Ali estou 'me' sendo. É o ator que está em cena. Tenho que falar de mim, mas vou falar da maneira mais simples possível, não quero glórias, não quero nada. Se fosse viver de glórias, seria absurdo. Nunca, em 75 anos de carreira, nunca me preocupei em fazer um Shakespeare. Prefiro fazer um personagem como o Corisco, que tem o Brasil dentro de si. Qualquer peça shakespereana é uma honra, mas nunca tive esse sonho. Não está em mim a Inglaterra.

O senhor tem um casamento de 60 anos com a atriz Marta Overbeck. Qual é o segredo para manter uma relação por tanto tempo?

Conhecer o outro, saber o que você quer. Não é só o seu desejo, você não impõe. Não sou um fascista dentro de casa. O mais importante é o diálogo, compreender a outra pessoa.